



Revista Eletrônica de Filosofia  
*Philosophy Eletronic Journal*  
ISSN 1809-8428

São Paulo: Centro de Estudos de Pragmatismo  
Programa de Estudos Pós-Graduados em Filosofia  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
Disponível em <http://www.pucsp.br/pragmatismo>

Vol. 15, nº. 1, janeiro-junho, 2018, p.108-118  
DOI: 10.23925/1809-8428.2018v15i1p108-118

## PEIRCE E O CRESCIMENTO DA RAZOABILIDADE CONCRETA: INVESTIGANDO UMA RELAÇÃO ENTRE ÉTICA E A REALIDADE DE DEUS

**Flávio Augusto Queiroz e Silva**

Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
flavio.aqs@gmail.com

**Resumo:** Na obra do cientista e lógico Charles S. Peirce (1839 – 1914), chama-nos atenção a ideia de uma “realidade de Deus”. Para entendê-la, propomos investigar os enlaces entre a Metafísica e a Ética do autor. Através do conceito de “crescimento da razoabilidade concreta” – profundamente organizador desta filosofia – veremos que o propósito da ação humana radica em contribuir com a expansão da Razão no mundo, o *summum bonum* que acaba por ser também ideia norteadora para a realidade de Deus. O pragmatismo pode, assim, abarcar um teísmo fundamentado em um realismo radical. Totalmente desvinculado de doutrinas dogmáticas, o Deus visionado por Peirce continua a criar o Universo, em um processo que tem um fim ideal, mas não determinativo. Tal processo pode contar com a contribuição da ação humana, por isto a importância de se discutir os temas da Ética tais como a liberdade e o autocontrole, sem o apoio de uma cartilha determinada de ações a tomar. A Ética peirciana baseia-se no bom raciocínio e no alinhamento com o *admirável* – poder atrativo que “governa sobre os outros com seu cetro, conhecimento, e seu globo, amor” (CP 5.520, 1905). Não por acaso, como pretendemos demonstrar neste trabalho, a ação de Deus sobre o cosmos tem exatamente o mesmo caráter. Portanto não deveria ser estranho, para um estudioso de Peirce, aceitar o convite de subir no “bote do *musement*” e imaginar que os conceitos da Ética, que valem para a vida cotidiana ou o labor científico, se interpenetram com a realidade de Deus.

**Palavras-Chave:** pragmatismo, razoabilidade, ética, metafísica, Deus.

### **PEIRCE AND THE GROWTH OF CONCRETE REASONABLENESS: AN INQUIRY INTO THE RELATIONS BETWEEN ETHICS AND THE REALITY OF GOD**

**Abstract:** In the work of the scientist and logician Charles S. Peirce (1839 – 1914), the idea of a “reality of God” calls our attention. To understand it, we propose an investigation of the connections between his Metaphysics and his Ethics. Through the concept of the “growth of concrete reasonableness” – which profoundly organizes peircean philosophy – we will see that the purpose of human action is grounded in the contribution to the expansion of Reason in the world, the *summum bonum* which ultimately leads to the reality of God. Pragmatism can encompass a theism founded in a radical realism. Completely dissociated from dogmatic doctrines, God envisioned by Peirce continues to create the cosmos, in a process that has an ideal, but not determinative, end. Such a process relies on the contribution of human action, therefore the importance of bringing about Ethical themes like freedom and self-control, which, however, does not imply in a list of predetermined good actions. Peircean ethics is based on good reasoning and in the alignment with the admirable in itself – attractive power that “governs upon the others with its scepter, knowledge, and its globe, love” (CP

5.520, 1905). *Not casually, as we wish to demonstrate, God's action upon the cosmos has exactly the same character. Therefore, it shouldn't be strange, for a scholar of Peirce, to accept the invitation to hop on "the skiff of musement" and to imagine that the concepts of Ethics, which hold both for daily life and scientific labor, are intertwined with the reality of God.*

**Keywords:** *pragmatism, reasonableness, ethics, metaphysics, God.*

\* \* \*

## Introdução

No curso de nossas investigações sobre a filosofia de Charles S. Peirce, uma ideia que nos interessou bastante, pela sua contribuição à estruturação do pragmatismo do autor, é o “crescimento da razoabilidade concreta”. Outra que nos chamou atenção é a “realidade de Deus”, que Peirce aborda esparsamente em conferências sem uma concatenação definitiva. Mas o que um químico e astrônomo, apaixonado pela ciência como Peirce, teria a dizer sobre Deus? E que relação isto guardaria com o resto de sua vasta obra, especialmente com a “razoabilidade” acima mencionada?

Para desenhar um caminho reflexivo que nos leve a essas respostas, vamos percorrer algumas das ideias de Peirce, aninhadas profundamente no pragmatismo e que, postas em relação, ajudam a construir um potencial de análise para tais questões, dentro daquela “filosofia científica” que o autor realmente dedicou-se em edificar.

### 1. A realidade de Deus como ideia pragmaticista

Peirce reserva um lugar específico para a ideia de Deus em sua arquitetônica filosófica: é o segundo ramo da Metafísica, a Metafísica psíquica ou religiosa, que “se preocupa principalmente com as questões de 1, Deus; 2, Liberdade; 3, Imortalidade” (CP 1.192, 1903). Insatisfeito com os rumos da Metafísica de seu tempo, condenava a “atitude de seminário” que condicionava a “postura infantil da filosofia” (CP 1.620, 1898). Para Peirce, a única forma de fazer avançar o pensamento filosófico era aproximá-lo do desejo científico de aprender como as coisas realmente são (*idem*).

Mas o “científico” de Peirce não deve ser confundido com as estritas comprovações de laboratório: ciência é principalmente um modo de vida, animado pelo “impulso de penetrar na razão das coisas” (CP 1.44, c.1896). É nesse espírito que pode haver uma Metafísica científica, fora das meras especulações e jogos de palavras. Peirce enxergou um *método* que abre o caminho da investigação em filosofia, tornando possível o esclarecimento de conceitos filosóficos: o pragmatismo, que consiste em apreender o significado das ideias por meio de seus efeitos concebíveis sobre a conduta (EP 1: 132, 1878).

Então, não seria absurdo entender que a Metafísica peirciana permite investigar, *cientificamente*, o universo da espiritualidade tal como é o caso da realidade de Deus. Ao contrário do que comumente se pensa, ciência e espiritualidade não são experiências incomunicáveis; segundo o *sinequismo* do autor, que é “uma filosofia puramente científica” (CP 7.578, c.1892), existe continuidade crescente entre todas as coisas (CP 1.172, 1897) e esta ideia pode

desempenhar um papel na conciliação [*onement*] entre ciência e religião (CP 7.578, c.1892).

O sinequismo é também radicalmente favorável à cognoscibilidade de todas as coisas. Nesse contexto, Peirce associa Deus à experiência aberta do conhecimento e o aproxima das descobertas científicas (o próprio evolucionismo, por exemplo). Orange lembra que, quando começou a trabalhar em suas categorias, no período entre 1859 – 1860, o autor já colocava em dúvida o incognoscível kantiano e rejeitava a dicotomia fé-razão, pois não deveria haver “objetos de fé que não são ou não podem ser objetos de conhecimento” (ORANGE, 1984, p.5).

Estas ideias remontam a períodos mais joviais do próprio Peirce. Sem dúvida seu pai, Benjamin Peirce (1809 – 1880), também astrônomo e matemático, influenciou-o não apenas no gosto pelo raciocínio e pela lógica, mas também no contexto religioso. Peirce foi criado em uma família cristã episcopal; Benjamin atribuía a Deus o papel de criador do Universo e considerava a matemática como “o estudo da obra de Deus por Suas criaturas”<sup>1</sup>.

Alguns dos traços do idealismo objetivo de Peirce podem ser rastreados até as ideias de seu pai. No livro *Ideality in Physical Sciences*, Benjamin Peirce defende que toda realidade material está circundada por uma mais fundamental, a idealidade: “todo o domínio da ciência física está permeado com idealidade. Você não poderia escapar deste fato se quisesse” (PEIRCE, 1881, p.17).

Neste contexto também fala de leis que governam a matéria e encontra neste fato uma origem comum para todas as coisas (PEIRCE, 1881, pp.29-30). Para o autor, “se sabemos que a origem comum da mente e da matéria reside no comando de um Criador, esta identidade deixa de ser um mistério” (PEIRCE, 1881, p.31) e, por isto, sustenta, como foi o caso de seu filho, uma concepção teísta que engloba a evolução do universo, assim como as descobertas científicas e as leis físicas<sup>2</sup>.

Falar em uma “realidade” de Deus requer um retorno às categorias. Diferentemente da existência, a realidade tem caráter cognitivo, embora independente do pensamento *individual*, ao passo que a existência significa uma reação ao ambiente, portanto tem caráter dinâmico (CP 5.503, c.1905). O real se identifica com as leis e hábitos que governam o mundo e com aquilo que pode ser conhecido; são essas características que podemos atribuir a Deus quando levados a pensar sobre sua *realidade*<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> Veja-se o verbete “Benjamin Peirce” na *Stanford Encyclopedia of Philosophy*. Disponível em: <<https://plato.stanford.edu/entries/peirce-benjamin>> Acesso em: 10 abr 2017.

<sup>2</sup> [...] Toda ciência pode ser reduzida a um fato. Dentre todos os fatos a se considerar, estão os fatos da idealidade onipresente, do cosmos inteligível, e do intelecto que tudo compreende. A lei da gravitação universal deve ser incorporada [neste fato] [...]. Todas as leis materiais devem ser incluídas [neste fato]. [...] A mente humana deve ser incluída, com sua filosofia, suas emoções, e sua infinita capacidade de desenvolvimento. Deve conter a lei do amor, o Sermão da Montanha [...]. Qual pode ser este poderoso fato, senão o próprio Deus? Onde está o homem que não aceitará este fato, como aquele que compreende todos os outros? E onde está aquele que aceitará menos que isto? (PEIRCE, 1881, pp.32-33).

<sup>3</sup> Como afirma Orange, Peirce falava na *existência* de Deus até por volta de 1892, então a diferenciação entre realidade e existência, afinada com a questão de Deus, parece ter sido uma ideia do período maduro do autor (ORANGE, 1984, p.29).

Ainda, devemos lembrar a crítica contumaz de Peirce ao nominalismo, que ele classificava como uma doutrina “demoníaca” (FORSTER, 2011, p.2) que envolve outras teorias “monstruosas” (CP 1.422, c.1896), tais como o materialismo, o mecanicismo, o dogmatismo, o autoritarismo e o individualismo. Todas estas enfatizam o singular sobre o comunitário, ao passo que Peirce elaborou um realismo radical para enxergar a natureza em termos de relação, tendências e continuidade.

Então, a diferença entre realidade e existência não é meramente um detalhe terminológico. A filosofia de Peirce não poderia comportar uma concepção tão estreita da divindade. Associá-la com a terceiridade, falar em sua realidade, implica em concebê-la em termos de inteligência, crescimento, generalidade, mediação e *vagueza*. Este ponto é fundamental para distanciar o tema de qualquer dogma religioso determinado.

No contexto peirciano, a vagueza não é apenas um atributo da linguagem e do pensamento, mas constitui a própria realidade, que “se apresenta a nós como um *continuum*” (TIERCELIN, 2005, p.239). Isto significa que “o conhecimento está sempre aberto e é a própria manifestação da inteligência” (TIERCELIN, 2005, p.243).

Que uma realidade vaga possa ser manifestação de uma inteligência é algo que será indicado no texto *Um argumento negligenciado para a realidade de Deus* (EP 2: 434-450, 1908). Ali, Peirce desenvolve um ninho de três argumentos<sup>4</sup> que compõem o dito “argumento negligenciado”, combinando o processo de argumentação racional com a força vital da experiência. E, tanto como pode começar qualquer investigação, a experiência de Deus começa por “beber da impressão de algum dos três universos” (CP 6.459, 1908) – primeiridade, segundidade ou terceiridade. Trata-se de um *musement*, jogo livre da mente, pelo qual aquele que devaneia (*muser*) desperta para as conexões e homogeneidades existentes entre esses três universos e na natureza em geral.

Para Peirce, essa é a constatação de um “espetáculo que se desenvolve” diante de quem devaneia: “a matéria da Natureza é dos mesmos tipos elementares em todas as estrelas, e ao longo de todo o Universo visível prevalecem as mesmas proporções dos diferentes elementos” (CP 6.464, 1908). Em seguida, o *muser* pode perceber que, em qualquer ordem da experiência, e em inúmeros fenômenos naturais, “há um tipo de ocorrência, o crescimento” (*idem*). Segundo o autor, esta linha de reflexão “inevitavelmente sugere a hipótese da Realidade de Deus” (CP 6.465, 1908).

Peirce afirma que “seja como for, certamente a ideia da realidade de Deus se encontrará cedo ou tarde no puro jogo do *musement* como uma imagem atrativa, que o *muser* desenvolverá de várias formas” (CP 6.465, 1908) – e que, quanto mais for considerada, mais espaço esta ideia “encontrará em sua mente, por sua beleza, porque proporciona um ideal de vida e por sua explicação totalmente satisfatória de todo seu triplo entorno”<sup>5</sup> (*idem*).

---

<sup>4</sup> Recordemos que no vocabulário peirciano “argumento” não é o mesmo que “argumentação”; é um tipo de signo que “razoavelmente tende a produzir uma crença definida. Uma argumentação é um argumento que procede de premissas definidamente formuladas” (CP 6.456, 1908).

<sup>5</sup> Em 1863, no ensaio *The Place of our Age in the History of Civilization* (W1: 101), Peirce diz algo semelhante: “Um homem olha para a natureza, vê sua sublimidade e beleza e seu espírito gradualmente se eleva à ideia de um Deus. Ele não vê a Divindade, nem a natureza lhe prova a

Deve-se ter em mente que a ideia deste Deus tem suas raízes anteriores a qualquer crença definida (ALMEIDA, 2016, p. 201). Por este motivo Peirce a considera um “argumento negligenciado” pelos teólogos, que pareceram esquecer que ela aparece para qualquer um que empreenda uma “livre meditação, uma vez que todo coração será arrebatado pela beleza e admirabilidade da Ideia” (CP 6.487, 1908). Se os teólogos fossem capazes de perceber a força deste argumento, continua o autor, eles mostrariam que, no contexto da natureza humana universal, “a latente tendência à crença em Deus é um ingrediente fundamental da alma e que, longe de ser vicioso ou supersticioso, é simplesmente o precipitado natural da meditação sobre a origem dos Três Universos” (CP 6.487, 1908)<sup>6</sup>.

A constatação do *crescimento* dos fenômenos é, talvez, para Peirce, o fator que mais pese em favor do argumento negligenciado. Já em 1903 ele declarava que as concepções de progresso e evolução haviam adquirido tal importância que ocupavam as mentes dos pensadores de sua época (EP 2: 254, 1903), de modo que “quase todo mundo concorda que o supremo bem reside no processo evolutivo de alguma forma” (CP 5.4, 1902).

Por isso, na crítica ao psicologismo da lógica, afirmou que um bom raciocínio deveria basear-se em um método capaz de progresso indefinido da razão, pois “a razão sempre olha à frente, para um futuro infinito, e espera indefinidamente melhorar seus resultados” (EP 2: 254, 1903).

A questão é que o crescimento não será um fator isolado, mas uma ideia que impregna toda a filosofia do autor – ela é central no pragmatismo, na semiótica, no sinequismo... e também nas Ciências Normativas (Estética, Ética e Lógica). Peirce é incapaz de conceber algo mais admirável que o crescimento da Razão, não da razão confinada a um cérebro, mas da Razão como a inteligibilidade do real (terceiridade). Ele diz que “a mais simples das ideias gerais sempre envolve predições condicionais ou requer, para sua completude, que os eventos devam passar, e tudo o que possa passar não será capaz de completar seus requisitos” (EP 2: 254, 1903).

Este princípio, que descreve o método pragmatista de clarificação conceitual, indica que o sentido aponta para o futuro pois é da ordem do geral, portanto vago e contínuo (mas não impreciso). Indica também que esta generalidade *governa* a manifestação dos efeitos práticos dos conceitos: “o próprio ser do Geral, da Razão, consiste em governar eventos individuais. Então, a essência da Razão é tal que nunca pode ser completamente perfeita” (EP 2: 255, 1903). Respeitando uma simetria categorial<sup>7</sup> que não diferencia drasticamente mundo e pensamento, Peirce encontrará que este princípio descreve o crescimento da própria realidade, pois a Razão, enquanto se desenvolve, *encarna*, isto é, manifesta-se (EP 2: 255, 1903).

Estas duas características concomitantes – a expansão indefinida e a capacidade de governo – fazem da Razão, segundo Peirce, um ideal admirável. “A

---

existência deste Ser, mas provoca sua mente e sua imaginação até que a ideia se enraíze em seu coração. Do mesmo modo, a contínua mudança e o movimento na natureza sugerem a ideia da onipresença. E finalmente, por eventos de sua própria vida, ele se torna convencido da relação daquele Ser com sua própria alma” (W1: 108-109).

<sup>6</sup> Retiro esta argumentação do texto de ALMEIDA, 2016, onde está exposta com mais detalhes e clareza.

<sup>7</sup> Veja-se: IBRI, 2005; IBRI, 2011.

única coisa cuja admirabilidade não se deve a um motivo ulterior é a própria Razão compreendida em toda sua plenitude” (EP 2: 255, 1903). Deste entendimento surge um ideal de conduta, que consiste em “executar nossa pequena função na operação da criação [do universo] ao dar uma mão para tornar o mundo mais razoável sempre que couber a nós fazê-lo” (EP 2: 255, 1903). Em uma carta de 1905 endereçada a Francis Russel, esta ideia volta a aparecer:

Seu *summum bonum*, a vida, é provavelmente o mesmo que o meu em essência, embora eu o veja mais concretamente. Eu olho para a criação como algo que ainda está ocorrendo e acredito que tal ideia vaga, que podemos ter do poder da criação, é melhor identificada com a ideia de teísmo. Então o ideal seria o de perseguir nossas contribuições apropriadas para o trabalho da criação (CP 8.138 Fn 4).

Não é correto, entretanto, pensar que este ideal é uma *imposição*. Os fins da lógica e da ética estão amalgamados com os fins da estética, e, portanto, este ideal é *esteticamente atrativo* para a mente<sup>8</sup>. O crescimento da Razão é, por assim dizer, intrínseco à natureza mental dos conceitos. A força deste ideal sobre a mente não é como a de um projétil que colide contra um objeto, é mais como a influência amorosa do sol sobre uma flor (COLAPIETRO, 1989, p.113). Para Peirce, nada mais adequado que isto para referir-se à Beleza, ao componente *kalos* da experiência que excede o embate entre o belo e o não-belo (CP 2.199, 1902). “A Beleza é nosso último *telos*” (W1: 11-12) e “situa a mente em um estado de ‘infinita determinabilidade’ de modo que pode voltar-se a qualquer direção e está em perfeita liberdade” (W1: 11-12). Voltaremos a este ponto adiante.

Em um período maduro, provavelmente de 1909 em diante<sup>9</sup>, Peirce começou a equivaler a realidade de Deus ao crescimento da Razão. Os elementos para este raciocínio já vinham de antes: ao construir o argumento negligenciado em 1908, afirmou que a hipótese de Deus contagia a conduta de quem a contempla e oferece um propósito para a vida, tanto quanto o faz um ideal supremo (CP 6.467, 1908), que ele já havia definido, em 1903<sup>10</sup>, como o crescimento da razoabilidade concreta.

Em seu amadurecimento, a filosofia de Peirce caminha para a aceitação de que “a única teoria inteligível do universo é o idealismo objetivo” (EP 1: 293, 1891), que reconhece a realidade primordial da mente e que desta derivam as leis físicas (*idem*). Em outras palavras, realidade é pensamento objetificado; “o universo pode ser visto como uma vasta personalidade, uma Mente Absoluta, viva e crescente” (RAPOSA, 1989, pp.39-40).

Investigar algum aspecto do universo é, para Peirce, uma espécie de diálogo entre mentes: a mente de quem investiga e a mente do Criador. Esta fina

---

<sup>8</sup> Deve-se ter em mente que Estética, Ética e Lógica são ciências interdependentes, no sentido de que a busca pelo bem lógico deve incluir o bem ético, e este, o bem estético. É por este motivo que a conduta eticamente boa deve abranger o admirável estético em si mesmo, e o mesmo vale para o raciocínio lógico, que é apenas um tipo específico de conduta.

<sup>9</sup> Veja-se: ORANGE, 1984, p.82.

<sup>10</sup> Veja-se o texto *What makes a reasoning sound?*. EP 2: 242.

comunicação tem um efeito sobre a conduta, tanto quanto o contato com “um homem de caráter extraordinário pode influenciar profundamente o comportamento de outro homem” (CP 6.502, 1906). Para o autor, aí está um indício do significado pragmaticista da realidade de “Deus”: “a contemplação e o estudo do universo físico-psíquico são capazes de imbuir um indivíduo com princípios de conduta análogos à influência das obras ou palavras de um grande homem” (*idem*).

Em outra passagem, ele descreveu assim este processo: “as formas eternas, com as quais as matemáticas e a filosofia e as outras ciências nos tornam familiarizados, vão por uma lenta filtração alcançando as próprias profundezas de um indivíduo; e logo influenciam nossas vidas” (CP 1.648, 1898). A influência que Deus exerce sobre nós não é a de uma cega adoração religiosa, mas é a influência do próprio conhecimento que nos faz ajustar a conduta ao aprendizado. Em outras palavras: a realidade de Deus tem uma consequência *ética*. Este ponto pode revelar a relação entre Deus e o pragmaticismo e uma importante clarificação deste. Vamos passar a isso.

## 2. A Ética no pragmaticismo

A partir do ideal estético de crescimento da razoabilidade, Peirce constrói um ideal ético, que consiste em fazer o possível para contribuir com este crescimento e tornar o mundo mais razoável. A Ética peirciana se concentra na ideia axial da conformidade da conduta com ideais, enxergando o ser humano como essencialmente livre e criativo, capaz de adequar-se aos propósitos, que se definem (e crescem) na própria experiência. Mas a questão não é tão simples, pois o tema da liberdade é atravessado pelas questões da responsabilidade, da comunidade (pois Peirce se contrapõe ao individualismo) e da própria razoabilidade, um fim normativo que se *deve* seguir. Recorrer ao aporte da realidade de Deus pode ajudar nesta discussão.

Em primeiro lugar, a filosofia de Peirce permite operar outro reconhecimento sobre o papel do ser humano no universo, muito mais periférico do que pressupõe um moderno antropocentrismo. Para o autor, não somos os criadores nem dominamos a natureza, pelo contrário, são as ideias que têm o poder de organizar o mundo físico<sup>11</sup>.

O que anima esse processo é a admirabilidade, a incompletude irresistível do conceito que sempre solicitará um interpretante na infinita ação da semiose. Ideias são forças gentis que “se veem pensadas, tornando-se incorporadas como hábitos naqueles indivíduos que primeiro se atraem por elas e a elas se devotam” (RAPOSA, 1989, p.102). É também a força do *amor evolutivo* (agapismo) fundamentado na *lei da mente*, pela qual ideias se atraem e crescem por uma força de afecção ou simpatia (IBRI, 2005). O amor, para Peirce, não se contrapõe à lógica; pelo contrário, do mesmo modo que, em lógica, “razoabilidade consiste em associação, assimilação, generalização, a reunião de itens em um todo orgânico, na esfera emocional, esta tendência à união aparece como Amor; de modo que a Lei do Amor e a Lei da Razão são a mesma coisa” (PEIRCE, 1900, p.621).

---

<sup>11</sup> “As ideias não são meras criações desta ou daquela mente, mas, pelo contrário, têm o poder de encontrar ou criar seus veículos, e, tendo-os encontrado, de conferir-lhes a habilidade de transformar a face da terra” (EP 2: 123, 1902).

Trata-se de um ponto importante para entender o afastamento do pragmaticismo de outras vertentes do pragmatismo, como o de William James, de viés mais nominalista. Peirce entendia que o único fim possível para a vida humana não se reduz à resolução de problemas práticos – da mesma forma que um significado conceitual não se limita às suas consequências fáticas. O ser humano não está fadado a ser uma “caixa de carne e sangue” (CP 7.591, c.1897). Não pensamos unicamente para resolver problemas, mas para dar uma contribuição mínima que seja ao desenvolvimento das ideias<sup>12</sup>.

O ser humano não pode *criar a razoabilidade*, mas apenas *contribuir* com o seu crescimento, e é assim que somos participantes da criação do universo – um processo muito maior que nós e que não está sob nosso domínio. O que nos cabe, em nossa liberdade individual, é refletir sobre a própria conduta e “afinar” as ações concretas com o propósito último, alargando – e não diminuindo – as possibilidades de ação. “Você observará que minha abordagem deixa o homem em inteira liberdade [...]. O homem *pode*, ou se você quiser *está compelido*, a *tornar sua vida mais razoável*. Que outra ideia pode ser atribuída à palavra *liberdade*?” (EP 2: 248, 1903)<sup>13</sup>.

Aqui, liberdade não se redonda à autoridade do indivíduo, tampouco se vincula à satisfação dos prazeres individuais. *Ser livre* consiste, justamente, em realizar-se “nas dimensões superiores da natureza humana” e da natureza em geral (BOERO, 2014, p.23). Tais “dimensões superiores” se traduzem em:

[...] reconhecer uma tarefa maior do que a sua própria, *não* meramente uma tarefa secundária que vem depois da sua vocação principal, mas uma concepção generalizada da tarefa que completa sua personalidade fundindo-a nas partes vizinhas do cosmos universal (CP 1.673, 1898).

Isto implica ultrapassar os próprios interesses pessoais e mais: reconhecer que os fins da conduta individual se englobam em um horizonte mais vasto, no qual o ser humano se transforma e do qual pode participar (BOERO, 2014, p.302). A investigação científica exige o reconhecimento do pequeno lugar do ser humano diante de uma inteligibilidade maior, além do distanciamento de nossas inclinações pessoais frente às demandas da investigação.

Na visão peirciana, o homem egoísta não pode ser lógico (SHERIFF, 1994). “Se pensamos estritamente no nosso próprio bem-estar, a razão nos falha” (CP 2.654, 1893). A lógica de Peirce enseja uma “concepção espiritual, pela qual indivíduos tendem a perder seu egoísmo e tornar-se parte de um *continuum* de maior grau de realidade” (HAVENEL, 2008, p.117)<sup>14</sup>.

---

<sup>12</sup> Ressaltando a diferença de seu pragmaticismo com o pragmatismo de James, que colocava demasiada atenção nas consequências práticas da ação, Peirce afirmava que “o fim do pensamento deve ser a ação apenas na medida em que o fim da ação é outro pensamento” (CP 8.272, 1897-1909).

<sup>13</sup> Grifo do autor.

<sup>14</sup> Peirce entendia este processo como o próprio Nirvana. (CP 1.673, 1898).

Nesse sentido Peirce identifica a necessidade de aperfeiçoar a *lógica*. Não à toa a ciência, para ele, como *modo de vida* enraizado no amor ao conhecimento, seria a forma de mais plenamente integrar-se ao cosmos em seus mais variados domínios. Não é de estranhar que o método científico exige uma devoção dedicada<sup>15</sup>, uma entrega às demandas gerais da pesquisa e da própria razoabilidade. Se investigamos para satisfazer ou promover nossos próprios egos, não só estamos aniquilando o espírito do *investigar*, como estamos também nos afastando da realidade que nos engloba e que pode pragmatistamente ser entendida como Deus.

Isso porque a ciência tem um papel *edificante*, ou seja, o método científico pode enobrecer aqueles que investigam, na medida em que fortalece certas qualidades como a doação e a entrega, a preocupação pela verdade e “a cooperação, o rigor, a transparência, a honestidade, a modéstia, o serviço aos outros” (BARRENA, 2007, p.175)<sup>16</sup>. Peirce enfatiza este ponto em sua Metodêutica: considera que essas características não são meramente do pesquisador, mas constituem o método lógico em sua essência<sup>17</sup>.

O espírito científico requer a humildade de enxergar “a natureza como *cosmos*, um reino no qual a Razão é imanente” (COLAPIETRO, 1989, p.114). Esta Razão viva e amorosa é o que Peirce inclinava-se a entender como Deus (ORANGE, 1984, p.83), um Geral que se aperfeiçoa e para o qual tudo tende, identificando-se com o propósito último: atingir mais de perto (e falivelmente) a verdade, estimulando uma postura íntegra que reforça os alicerces e a crítica do método.

Tratando-se de uma temática que pode facilmente cair nas garras do dogmatismo, chama a atenção que a concepção peirciana de Deus dialoga fortemente com sua visão metodêutica. A questão aqui é que, ao ser identificada com o crescimento da razoabilidade, a realidade de Deus pode atuar como princípio metodológico. Peirce chegou a admitir que, além dos três graus de clareza conceitual que explanou em *Como tornar nossas ideias claras* (EP 1: 124, 1878), poderia haver um quarto grau. Este compreende que “o significado do conceito não se reduz a nenhum efeito individual, mas no modo como eles [os efeitos práticos concebíveis] contribuem a esse desenvolvimento [da razoabilidade concreta]” (CP 5.3, 1902). Dito de outra forma, maior clareza se atinge quando os efeitos práticos do conceito indicam o caminho para a sua futura investigação. Nesse contexto, “executar nossa pequena função na criação do universo”, como dizia Peirce, começaria por perguntar, por exemplo: em que medida os efeitos de nossos pensamentos e ações abrem o caminho para seu entendimento, possível refutação e conhecimento de ainda outras ideias?

---

<sup>15</sup> Peirce usava o termo em inglês “singleness of heart”, isto é, “inteireza de coração”, para referir-se à integridade da dedicação científica. O autor realmente não separava a razão do amor, nem a mente do coração. Vejam-se: CP 2.123, 1902; CP 6.458, 1908; CP 6.467, 1908; CP 7.51, sem data.

<sup>16</sup> “A devoção [singleness of heart] com a qual eles [os cientistas] lançam todo seu ser no serviço da ciência leva, é claro, à discussão sem reservas uns com os outros, a que cada um se informe profundamente sobre o trabalho de seu vizinho, a que aproveitem seus resultados; e portanto atacando a fortaleza da verdade, um escale sobre os ombros de outro que tenha falhado, mas que verdadeiramente obteve êxito em virtude de aprender com suas falhas” (CP 7.51, sem data).

<sup>17</sup> O semioticista estoniano Peeter Torop dizia, na mesma direção: “A ciência constrói a personalidade humana, sem isso não haveria sentido” (TOROP *apud* MACHADO, 2003, p.34).

## Conclusão

Como podemos inferir a partir das ideias acima expostas, o Divino, na visão peirciana, tem poder de manifestação, não na experiência concreta do indivíduo<sup>18</sup>, mas na vivência comunitária da ciência. Investigar é como lançar uma pergunta à Criação e esperar que ela aponte, em longo prazo, a verdade de seu Criador. Ao entender assim a ciência, o ser humano integra-se ao cosmos, “assume um papel no drama da criação, e assim que se perde neste papel, não importa quão humilde seja, ele se identifica com seu Autor” (CP 7.572, 1902). Longe do fundamentalismo autoritário que avança em nossos tempos, esta concepção permite entender Deus a partir de outra leitura, e traz luz não só à ciência, mas também ao sentido geral da Ética e à própria espiritualidade.

\* \* \*

## Referências

- ALMEIDA, Rodrigo. **O conceito de imortalidade do homem na filosofia de Charles Sanders Peirce**. 254 f. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2016.
- BARRENA, Sara. **La razón creativa**. Crecimiento y finalidad del ser humano según C. S. Peirce. Madri: Ediciones Rialp,
- BERNSTEIN, Richard. The lure of the ideal. In: KEVELSON, Roberta. **Peirce and Law: issues in pragmatism, legal realism, and semiotics**. Nova Iorque: Lang, 1991.
- BOERO, Hedy. **Charles S. Peirce: claves para una ética pragmaticista**. Pamplona: Eunsa, 2014
- COLAPIETRO, Vincent. **Peirce's approach to the self: a semiotic perspective on human subjectivity**. Nova Iorque: State University of New York Press, 1989.
- FORSTER, Paul. **Peirce and the threat of nominalism**. Nova Iorque: Cambridge University Press, 2011.
- GILMORE, Richard. Existence, Reality, and God in Peirce's Metaphysics: The Exquisite Aesthetics of the Real. **The Journal of Speculative Philosophy**, v. 20, n. 4, 2006.
- HAVENEL, Jérôme. Peirce's clarifications of continuity. **Transactions of the Charles S. Peirce Society**, v. 44, n. 1, 2008.
- IBRI, Ivo. O amor criativo como princípio heurístico na filosofia de Peirce. **COGNITIO**, São Paulo, v. 6, n. 2, 2005.

---

<sup>18</sup> A não ser, é claro, como já expusemos aqui, como hipótese vivida e sugerida pela forte contemplação oferecida pelo *musement*. Neste sentido – e não como ser existente que possa ser constatado –, dizia Peirce, Deus pode ser diretamente experimentado (CP 6.493, 1896): “Abra seus olhos – e seu coração, que também é um órgão perceptivo – e você verá Deus” (*idem*).

\_\_\_\_\_. Sementes Peircianas para uma Filosofia da Arte. **COGNITIO**, São Paulo, v. 12, n. 2, 2011.

\_\_\_\_\_. **Kósmos Noëtós**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992.

MACHADO, Irene. **Escola de Semiótica: a experiência de Tártu-Moscou para o Estudo da Cultura**. Cotia: Ateliê Editorial, 2003.

ORANGE, Donna. **Peirce's conception of God: a developmental study**. Lubbock: Texas Tech University, 1984.

PEIRCE, Benjamin. **Ideality in the Physical Sciences**. Boston: Little, Brown and Company, 1881.

PEIRCE, Charles S. **Collected Papers**, vols. 1-8, C. Hartshorne, P. Weiss e A. W. Burks (eds.). Cambridge: Harvard University Press. Edição eletrônica de John Deely, Charlottesville, VA: Intalex. 1931-58.

\_\_\_\_\_. **Writings of Charles S. Peirce**, v. 1, 1857 – 1866. Bloomington: Indiana University Press, 1982.

\_\_\_\_\_. **Writings of Charles S. Peirce**, v. 2, 1867 – 1871. Bloomington: Indiana University Press, 1984.

\_\_\_\_\_. **The Essential Peirce**. Selected Philosophical Writings, vols. 1-2, Peirce Edition Project (eds.). Bloomington: Indiana University Press, 1992-98.

\_\_\_\_\_. Review of Clark University 1889–1899. **Decennial Celebration. Science XI**, n. 20, 1900.

RAPOSA, Michael. **Peirce's Philosophy of Religion**. Bloomington: Indiana University Press, 1989.

SHERIFF, John. **Charles Peirce's guess at the riddle: grounds for human significance**. Bloomington: Indiana University Press, 1994.

TIERCELIN, Claudine. Vagueness and the ontology of Art. **COGNITIO**, São Paulo, v. 6, n. 2, 2005.